

TESE EXTENSIONISTA: QUESTÕES INICIAIS PARA UMA PESQUISA PAUTADA PELA EXTENSÃO (ASSESSORIA TÉCNICA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA)

Gustavo Steinmetz Soares

Universidade Federal do Paraná | guguisbrow@gmail.com

Sessão Temática 12: Assessoria técnica e extensão universitária

Resumo: Este trabalho busca entender, como um debate inicial, a relação entre a atuação na extensão e a construção e desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica em nível de pós-graduação. Nesse sentido busca-se diferenciar uma tese pautada pelas atividades desenvolvidas na extensão de uma tese de pesquisa. Enquanto aquela traz uma multiplicidade de contextos e comunidades que relacionalmente afetam a construção da pesquisa, essa se inicia com um recorte e um contexto delimitado, muitas vezes dialogando com uma mesma realidade ao longo de sua construção. Assim, na medida que a pesquisa avança, como lidar com a exigência de uma extensão múltipla e contínua, ao mesmo tempo que o debate teórico demanda dedicação do pesquisador(a). Essa dinâmica se intensifica em uma perspectiva extensionista de caráter popular e crítico que atua na transformação da realidade. Qual é a medida entre a sistematização da realidade e a análise teórica de uma tese? Por isso o debate busca marcar questões iniciais sobre a necessidade e/ou possibilidade de uma tese extensionista, com dimensões e atribuições outras, como um caminho para uma abordagem específica sobre a extensão na pós-graduação.

Palavras-chave: pós-graduação; pesquisa; tese extensionista; realidade; teoria.

EXTENSION THESIS: INITIAL QUESTIONS FOR RESEARCH GUIDED BY EXTENSION

Abstract: *This work seeks to understand, as an initial debate, the relationship between extension work and the construction and development of academic research at postgraduate level. In this sense, we seek to differentiate a thesis based on the activities developed in the extension of a research thesis. While the former brings a multiplicity of contexts and communities that relationally affect the construction of the research, this begins with a cut and a delimited context, often dialoguing with the same reality throughout its construction. Thus, as the research progresses, how to deal with the requirement for multiple and continuous extensions, at the same time that the theoretical debate demands dedication from the researcher. This dynamic intensifies in an extensionist perspective of a popular and critical nature that works to transform reality. What is the measure between the systematization of reality and the theoretical analysis of a thesis? Therefore, the debate seeks to mark initial questions about the need and/or possibility of an extension thesis, with other dimensions and attributions, as a path to a specific approach to extension in postgraduate studies.*

Keywords: *postgraduate, research, extension thesis, reality, theory.*

TESIS DE EXTENSIÓN: PREGUNTAS INICIALES PARA LA INVESTIGACIÓN ORIENTADA POR LA EXTENSIÓN

Resumen: *Este trabajo busca comprender, como debate inicial, la relación entre el trabajo de extensión y la construcción y desarrollo de la investigación académica a nivel de posgrado. En este sentido, buscamos diferenciar una tesis en función de las actividades desarrolladas en la extensión de una tesis de investigación. Mientras el primero trae una multiplicidad de contextos y comunidades que inciden relacionamente en la construcción de la investigación, este parte de un corte y un contexto delimitado, dialogando muchas veces con una misma realidad a lo largo de su construcción. Así, a medida que avanza la investigación, se descubre cómo afrontar la exigencia de ampliaciones múltiples y continuas, al mismo tiempo que el debate teórico exige dedicación por parte del investigador. Esta dinámica se intensifica en una perspectiva extensionista de carácter popular y crítico que trabaja para transformar la realidad. ¿Cuál es la medida entre la sistematización de la realidad y el análisis teórico de una tesis? Por lo tanto, el debate busca marcar interrogantes iniciales sobre la necesidad y/o posibilidad de una tesis de extensión, con otras dimensiones y atribuciones, como camino hacia un abordaje específico de la extensión en los estudios de posgrado.*

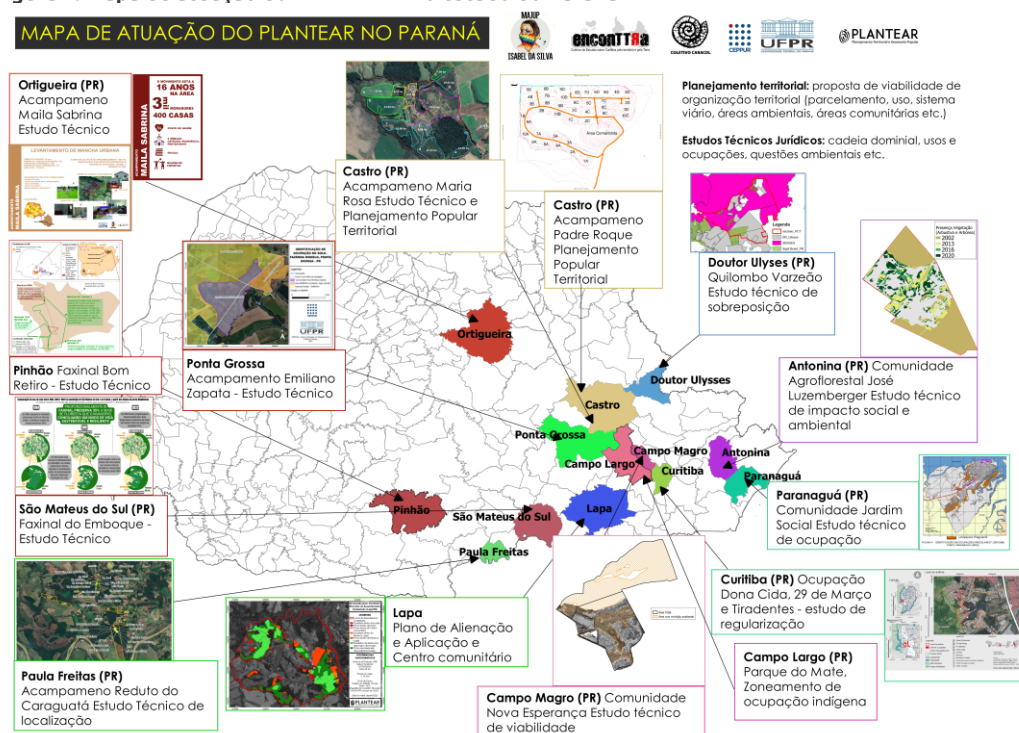
Palabras clave: *posgrado; investigación; tesis de extensión; realidad; teoría..*

INTRODUÇÃO

Inserido no contexto de atuação do coletivo PLANTEAR (Planejamento Territorial e Assessoria Popular)¹, no estado do Paraná, que, desde 2018 atua com a produção de estudos técnicos e construção de processos de planejamento territorial, junto a comunidades rurais e urbanas e povos e comunidades tradicionais em situações de conflito fundiário, esse texto busca levantar dimensões e questões da participação nessa atuação e a conciliação com a construção de uma tese acadêmica de pesquisa em pós-graduação, iniciada em 2021, com previsão de término em março de 2025.

Desde o início da atuação do PLANTEAR foram realizados trabalhos em 13 municípios no estado do Paraná, com 15 comunidades, sendo 14 estudos processos de planejamento territorial.

Figura 1: Mapa de atuação do PLANTEAR no estado do Paraná



Fonte: Mapa sistematizado pelo coletivo PLANTEAR, 2024.

A referida tese tem sido construída em torno da sistematização das atuações na comunidade Maria Rosa do Contestado, um acampamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) no município de Castro (PR), compreendendo a produção de dois estudos técnicos no âmbito da mediação jurídica do conflito fundiário na área, e o processo de planejamento

¹ Formado por grupos de extensão e pesquisa de áreas disciplinares diferentes. Na Geografia, o Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra (ENCONTTRA), nas políticas públicas e planejamento urbano, o Centro de Estudos em Planejamento e Políticas Urbanas (CEPPUR), na arquitetura e urbanismo, o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) e no Direito, o Movimento de Assessoria Jurídica Universitária Popular (MAJUP) Isabel da Silva.

territorial. Porém a participação na atuação na extensão, dentro do coletivo, se deu na maioria das suas ações. Para além da atuação com o PLANTEAR, também se deram atuações desde o coletivo ENCONTTRA (Grupo de estudos de conflitos por terra e território) que faz parte do anterior. Mais que uma contabilização da participação nos processos de extensão, pretende-se o destaque para um escopo muito mais amplo de atuação na extensão que se deu concomitantemente com o processo de construção da pesquisa.

Nesse sentido a atuação em múltiplos contextos se contrasta com a delimitação do recorte da pesquisa. Assim, chega-se em um momento em que essa atuação se sobrepõe à sistematização da realidade e a escrita do debate e esgotamento teórico, próprio de uma tese acadêmica. No caso da comunidade Maria Rosa do Contestado direcionou-se esse esforço para as temáticas da atualização da questão agrária (Roos, Paulino e Montenegro Gómez, 2021), reforma agrária e o desenho territorial (Falcade-Pereria et al., 2020).

Convencionalmente, numa pesquisa acadêmica, se realiza o trabalho de campo em um período razoavelmente previsto, necessitando um recorte temporal de atuação, do qual se faz a sistematização, e a fundamentação teórica, em outro período de recorte temporal. De outra maneira, quando se destaca aqui, uma tese pautada pela extensão, se destaca a valorização da transformação da realidade, atendendo as demandas sociais, que são apresentadas desde as comunidades de grupos sociais. Nesse sentido, a multiplicidade da atuação se torna um aspecto marcante na medida que ganham mais presença no âmbito da pesquisa na pós-graduação.

Assim, as questões debatidas desde a realidade da comunidade Maria Rosa do Contestado, podem ser complementadas com as atuações em outros contextos, porém, trazem suas especificidades e outras temáticas, cujo esgotamento teórico necessário a uma pesquisa acadêmica aumentaria o risco da inviabilidade de execução da mesma concorrendo na dedicação de recursos para sua realização. Nesse sentido é que uma outra abordagem, no caráter proposto de uma tese extensionista, surge como um caminho que pretenderia contemplar a inserção da extensão e a sua relação com a pesquisa.

Destaca-se que a extensão aqui é tratada de uma perspectiva específica, numa abordagem popular e crítica, que possui um compromisso, social e político, com a realidade e com as comunidades em suas demandas, que traz, em si, questões específicas. Por exemplo, não se limitar a atuação em uma realidade, o compromisso socio político com a comunidade, com um trabalho realizado no sentido de afetar e ser afetado, entendendo que essa atuação não é neutra.

UMA EXTENSÃO POPULAR E COMPROMISSADA,

Na perspectiva de uma extensão com compromisso com a luta pela transformação social dos grupos com quem se trabalha o caráter popular dá origem e direcionamento, consolidando esse comprometimento com grupos marginalizados. “A metodologia que confirma algo como

popular vai no sentido de promover o diálogo entre os partícipes das ações e, sobretudo, que seja contributiva ao processo de se exercer a cidadania crítica.” (Melo, 2014, p.29).

A dimensão da extensão popular se relaciona à discussão crítica que o educador popular Paulo Freire fez sobre a extensão rural, nos anos em que viveu exilado no Chile, entre 1964 e 1989. Freire (1983) critica a extensão técnica no rural na atuação do agrônomo-educador desde o significado do termo “estender algo a alguém” cujo sentido se fazia na substituição dos saberes dos camponeses desde a sua realidade por saberes técnicos universais, considerados os certos. O educador problematiza assim a comunicação entre o técnico agrônomo e o camponês.

PARECE-NOS ÓBVIO, (mas ainda assim discutamo-lo), que ao estabelecer suas relações permanentes com os camponeses, o objetivo fundamental do extensionista, no trabalho de extensão, é tentar fazer com que aqueles substituam seus “conhecimentos”, associados a sua ação sobre a realidade, por outros. E estes são os conhecimentos do extensionista. (Freire, 1983, p.14).

O educador destaca o erro epistêmico associado à extensão com um caráter de domesticação do camponês que ignora o mundo como verdadeira fonte de conhecimento, incorporando ao termo a noção de transferência numa lógica mecanicista.

Este é um modo estático, verbalizado, de entender o conhecimento, que desconhece a confrontação com o mundo como a fonte verdadeira do conhecimento, nas suas fases e nos seus níveis diferentes, não só entre os homens, mas também entre os seres vivos em geral. (Freire, 1983, p.16).

Deve-se ir além da técnica, pensando na transformação cultural (social) implicada, não havendo, portanto, separação entre técnica e cultura, sendo esse entendimento uma decisão política e ideológica. Por isso é impossível não afetar as diversas dimensões da existência como se a extensão fosse uma educação neutra.

Assim é que, desde o momento em que passa a participar do sistema de relações homem-natureza, seu trabalho assume este aspecto amplo em que a capacitação técnica dos camponeses se encontra solidária com outras dimensões que vão mais além da técnica mesma. [...] Daí que sua participação no sistema de relações camponeses-natureza-cultura não possa ser reduzida a um estar diante, ou a um estar sobre, ou a um estar para os camponeses, pois que deve ser um estar com eles, como sujeitos da mudança também. (Freire, 1983, p.37).

A noção de uma extensão popular se amplia na relação entre a os saberes populares e das comunidades e os saberes acadêmicos, na medida que o compromisso com a luta das comunidades significa um engajamento maior com sua visão de mundo e sua prática, evitando que o conhecimento acadêmico se sobreponha aos mesmos.

Por eso es fundamental OÍR, ESCHUCHAR. Lo digo siempre, ¡Y nosotros los geógrafos tenemos que tomar nota de eso! El mundo occidental tiene una lógica extrema que privilegia un sentido: la visión; el paisaje, el hombre-águila que mira de lejos, desde lo alto, el hombre de visión, es siempre la visión. La visión mientras más lejos esté, más dominio tiene sobre el mundo. Es una lógica del alejamiento.

Si quiero escucharlos a ustedes, yo hago un movimiento de acercamiento. La lógica de los geógrafos ha sido la lógica de alejarse para poder "entender mejor" el mundo, y no la lógica de acercarse al mundo. (Aichimo et al., 2015, p.254).

Nesse sentido a desconstrução e o entendimento do impacto da colonialidade do saber presente na academia (Grosfoguel, 2016), na medida que tende a sobrepor outros saberes que não estejam fundamentados numa epistemologia da racionalidade positivista que produz uma certeza colonial de ser um saber universal, portanto, ganhando o sentido de verdade. "O privilégio epistêmico e a inferioridade epistêmica são dois lados da mesma moeda. A moeda é chamada racismo/sexismo epistêmico (Grosfoguel, 2012), na qual uma face se considera superior e a outra inferior." (Grosfoguel, 2016, p.27). Pearce (2018) afirma que essa certeza da verdade do conhecimento universal (colonial) chegou ao seu limite, e sugere a pesquisa-ação para encontrar um caminho alternativo.

A autora enfatiza a necessidade de trabalhar com participantes não governamentais para fortalecer a participação de acordo com as agendas de mudança. Também enfatiza a importância de gerenciar possíveis diferenças de poder dentro do grupo de pesquisa para garantir a qualidade de seu trabalho. Incentiva os pesquisadores a levar em conta os desafios das realidades atuais, como desequilíbrios de poder e recursos limitados, e a conduzir pesquisas rigorosas guiadas pela ética e pelos princípios de mudança e justiça social. Sugere então que devem redefinir e conciliar teoria e prática para entender melhor suas limitações e superá-las.

Por consiguiente, fuimos aprendiéndolo a medida que realizábamos la investigación, lo que coincide con el carácter abierto del método de co-producción de conocimiento que permite a los participantes de una investigación ir fabricándola. Alfredo Molano lo resume perfectamente al escribir "avanzamos porque estamos perdidos". (Pearce, 2018, p.357).

A pesquisa-ação como uma bússola para o avanço do conhecimento sendo um tipo de pesquisa que envolve participação ativa e colaboração entre pesquisadores e os sujeitos envolvidos no estudo. É um processo cíclico que envolve planejamento, ação, observação e reflexão, com o objetivo de melhorar uma situação ou problema específico, como uma forma de coproduzir conhecimento com as comunidades. "*Permitir potencialidades abiertas nunca antes imaginadas en los procesos de investigación participativa es lo que la distingue de la investigación lineal, estructurada y enfocada en los resultados*" (Pearce, 2018, p.368).

Malheiro (2021), falando desde o contexto da mineração na Amazônia nos convida a ouvir os territórios. Discute o conceito de territorialidade e sua importância na compreensão da relação entre humanos e seu meio ambiente. Enfatiza a necessidade dessa escuta e de pensar em outras (geo)grafias. Também faz referência às ideias de Walter Benjamin, que critica a modernidade (colonialidade) e a continuidade histórica do progresso (pensamento linear de evolução).

Ouvir o território envolve prestar atenção às vozes da terra e de seus habitantes, incluindo entidades não humanas, como animais e plantas. Isso significa reconhecer as diferentes

maneiras pelas quais as pessoas e outros seres se relacionam e compreendem a terra e valorizar essas diversas perspectivas, “chegou a hora de admitir que nosso interesse coincida com o interesse dos sujeitos instituintes das práticas que investigamos, pois que não há espaço e território sem saber” (MALHEIRO, 2021, p.190).

O autor mobiliza o conceito de outras (geo)grafias para pluralizar nossa compreensão da mesma e reconhecer a existência de vários mundos e formas de ser e assim desafiar as narrativas e práticas dominantes. Além “de pluralizar nosso sufixo, necessário se faz também pluralizar nosso prefixo Geo(s), pois são muitos os “mundos” que essas grafias expressam; daí falarmos em (geo)grafias, quiçá geo(s)grafias.” (MALHEIRO, 2021, p.202). Isso envolve explorar formas alternativas de entender e se relacionar com a terra. Essa abordagem desafia as noções tradicionais de territorialidade que priorizam interesses moderno-coloniais sobre os das comunidades locais e do meio ambiente. Segundo o autor as formas de re-existência, ou resistência e resiliência, pelas quais as comunidades locais estão trabalhando ativamente para proteger seus territórios e meios de subsistência em face das ameaças, centralizam as vozes e experiências das pessoas mais afetadas por atividades e destacam a importância de formas alternativas de conhecer e se relacionar com a terra.

A abordagem do autor é trazida aqui na medida que desde a Geografia (disciplina que se insere este texto), o território é uma categoria e aproximação e transformação da realidade, desde o planejamento territorial e na medida que territórios são construídos na apropriação social e cultural do espaço.

Assim dois aspectos se destacam na extensão popular, a atuação no território e autonomia epistemológica das comunidades sobre o mesmo. Isso vai implicar numa atuação compromissada com a realidade na medida que se abre para a sua complexidade sem tentar controlar os tempos e os resultados, e incorrer no risco de apagamento de saberes populares.

ALÉM E AQUÉM DA PESQUISA-AÇÃO E PARTICIPANTE, UMA PESQUISA PAUTADA PELA EXTENSÃO

(de Marcos, 2006) debate a postura do pesquisador ou pesquisadora e o trabalho de campo na Geografia. A partir da sua realidade de pesquisa discute a preparação e a construção da forma como decidiu conduzir e se aproximar da comunidade com quem iria construir a pesquisa, chegando numa fundamentação a partir da pesquisa participante. Segundo seus levantamentos, a autora destacou que o pesquisador ou pesquisadora deve ir além do conhecer para explicar, mas conhecer para servir. Dessa maneira, em diálogo com Brandão (1988 apud de Marcos, 2006) a participação na pesquisa “determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares” (Brandão, p.12, 1988, apud de Marco, 2006, p.109).

Assim a autora diferencia uma pesquisa “sobre” para uma pesquisa “com” os sujeitos e comunidades que vivenciam a temática a ser pesquisada. Complementa também com a

necessidade do olhar atento para os limites da pesquisa, para aquilo que pode ou não ser publicado, em acordo com a comunidade. Cita a necessidade de despir-se de pré-conceitos onde a primeira ida a campo necessita de um olhar (e uma escuta) aberta à descoberta da comunidade. “E assim foi: cheguei sozinha e ‘sem nada’ à comunidade” (de Marco, 2006, p.111).

Porém, não se trata de buscar uma integração à comunidade no sentido de se tornar um(a) igual, mas entender que essa situação não ocorre e se colocar como alguém que está ao lado da comunidade,

não há dúvidas que uma pesquisa desse tipo abre caminho para o fortalecimento de laços de compromisso preexistentes com o tema pesquisado - do contrário o pesquisador não se disporia a realizá-la – e que laços de afeto cresçam e se fortaleçam entre o pesquisador e a comunidade que está sendo estudada. (de Marco, 2006, p.113).

Dessa maneira a autora destaca uma proposta de mudança no conceito de objetividade que, ao contrário de imparcialidade e descompromisso com a comunidade, se estabeleça relações, aceitando essa condição, entendendo os problemas vividos pela comunidade e propondo formas de superá-los. Destaca-se que o contexto da pesquisa narrada pela autora se deu na sua escolha como pesquisadora. Nesse sentido a mesma problematiza a chegada e aproximação com a comunidade e a construção da relação com a mesma, fazendo o destaque para os silêncios, que dizem tanto quanto manifestações. A autora narra parte do cotidiano do trabalho de campo da pesquisa que se deu em duas comunidades e como gradualmente foi sendo inserida e reconhecida pela comunidade. “Fiz amigos/companheiros de caminhada, de vida, de ideal. Guardo comigo momentos inesquecíveis da pesquisa/vivência, por tudo o que aprendi com eles.” (de Marco, 2006, p.124).

A autora também destaca o desenvolvimento de um olhar atento a tudo que acontecia em sua volta respeitando os tempos da comunidade, para a construção do seu entendimento e compreensão sobre a mesma. Dessa forma a realidade, a prática, fundamenta a teoria.

Trata-se, pois, de viver a prática e deixar que ela se mostre a nós. Trata-se de se capaz de, na prática, estar preparado para encontrar o “imponderável”, o não conhecido, aquilo com o que não contávamos, o que nunca foi visto nem dito, o novo, ao invés de ir para campo com um esquema pré-definido do que se espera encontrar.” (de Marco, 2006, p.132).

A autora ainda problematiza as situações contraditórias encontradas durante o trabalho de campo, relativos a conflitos internos da comunidade, como nesses momentos foi importante não buscar soluções rápidas, mesmo quando parecia ter uma resposta adequada, respeitando assim a complexidade e a autonomia da comunidade.

Em muitas medias o debate provocado pela autora, a partir do que chamou de pesquisa participante, se coincide e se diferencia com o que aqui se chama de uma tese pautada pela extensão. É evidente o comprometimento e o respeito com a comunidade e a construção de uma relação sem sobrepor os saberes da mesma e, a partir, da vivência, não como alguém

neutra, mas que sabe os impactos da sua condição como pesquisadora, construir seus entendimentos. Em determinado momento a autora cita a necessidade do distanciamento, e o momento de parar, para fazer a escrita sobre a realidade. Nesse sentido uma tese extensionista se difere na medida que as atuações na realidade não param, acontecendo na medida que a comunidade, ou o movimento social demandam a universidade que, até o momento, da realidade desse texto, aumentaram e se diversificaram.

Porém, diferente da situação em que a pesquisadora narra, as atuações ocorrem com diversas comunidades, podendo ser múltiplas desde a mesma comunidade.

Embora para a escrita deste texto não tenha se aprofundado na pesquisa da autora, sua descrição relata um movimento de decisão de pesquisa pela comunidade específica para entender a mesma e a possibilidade expandir sua forma organizativa sobre outras comunidades (seu problema de pesquisa). A autora tinha um problema de pesquisa prévio a ser verificado em campo, mas como destacou, não se sobrepôs a realidade encontrada.

Uma tese extensionista estaria necessariamente inserida em projeto de extensão, de modo que as suas ações definiriam os problemas de pesquisa. Nesse sentido haveria uma maior probabilidade de relações previamente estabelecidas na medida que um projeto de extensão pode se manter ao longo do tempo com as comunidades, mas também pela demanda das mesmas ao projeto de extensão, em contraposição ao ponto de partida da decisão do pesquisador ou da pesquisadora.

Uma tese extensionista teria maior probabilidade de estar inserida em uma dinâmica coletiva de atuação, na medida que projetos de extensão podem envolver grupos interdisciplinares, enriquecendo a dinâmica por um lado tornando multidimensional, dando suporte também a atuação individual do pesquisador ou pesquisadora, sendo que esse não precisaria ocorrer necessariamente. Nesse sentido, atuação de um grupo interdisciplinar amplia e diversifica as compreensões e entendimentos sobre a realidade. Por outro lado, a atuação individual centraliza o entendimento, mas permite uma imersão mais profunda, porém pontual.

Aqui entende-se que a atuação individual de pesquisa com trabalho de campo pode estar relacionada ao formato de uma tese de pesquisa que depois necessita do tempo dedicado à escrita da realidade e debate teórico. Nesse sentido o trabalho de campo tem a possibilidade de uma característica de ter um tempo mais contínuo de vivência com a comunidade, na medida que a inserção individual é menos impactante, onde é possível construir relações pessoais profundas com os sujeitos da comunidade. Mas que implica posteriormente na necessidade de distanciamento para escrita, o ponto de partida acontece individualmente no pesquisador ou pesquisadora, que busca na construção da relação com a comunidade formas de conhecer e compreender a mesma.

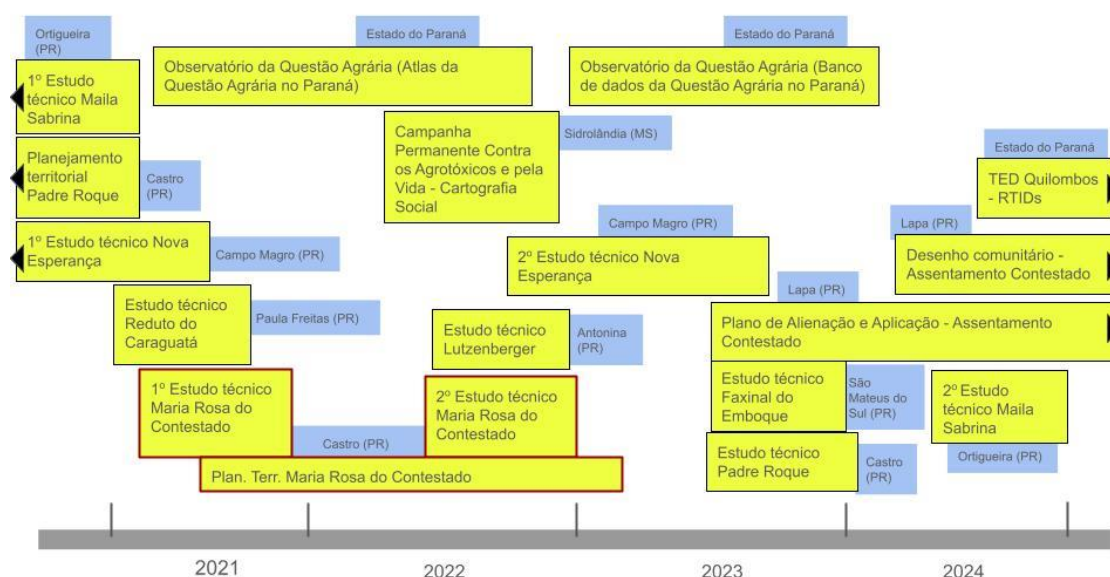
De outra maneira, uma tese extensionista, estaria mais ligada à atuação na comunidade, que pode e tende a ser mais plural, a partir das demandas ampliando as possibilidades diante de uma atuação coletiva e interdisciplinar. Assim a necessidade de um afastamento e momento

dedicado à escrita, com o esgotamento teórico que uma pesquisa de pós-graduação exige, entra em conflito com a demanda contínua das atuações do projeto de extensão.

PARA A MULTIPLICIDADE DE ATUAÇÕES UMA OUTRA PERSPECTIVA

Organizando cronologicamente as atuações através de projetos de extensão no qual houve participação durante o tempo de construção da tese é possível observar a sobreposição e a continuidade das atuações com uma multiplicidade de contextos e comunidades.

Figura 2: Linha do tempo de atuação em projetos de extensão durante o período da tese



Nota: TED (Termo de Execução Descentralizada) e RTID (Relatório Técnico de Identificação e Delimitação).

Fonte: O autor.

Enquanto o tempo da pesquisa se iniciava a atuação em algumas comunidades já estavam acontecendo, ou seja, a relação e a proximidade criadas já construíam uma abertura, na medida que as comunidades fazem parte do MST ou são amparadas pela atuação do movimento. Enquanto a proposta de pesquisa não tinha um recorte espacial específico na comunidade Maria Rosa do Contestado, a atuação na mesma já se iniciava, tendo três momentos, que acabaram configurando uma realidade densa e complexa que direcionaram o recorte posterior da pesquisa.

Essa atuação mobilizou uma série de temas que atualmente são recorte temático da escrita da pesquisa. Porém as outras atuações que já vinham acontecendo e continuaram a acontecer mobilizaram outras temáticas relacionadas, na medida que precisaram mobilizar uma compreensão teórica razoável para sua construção. Aqui se destaca principalmente a construção dos estudos técnicos, que demandam uma fundamentação para as análises e diagnósticos realizados. Porém esses não têm a exigência dum esgotamento teórico que uma tese de pesquisa tem.

Assim se destaca a variedades de temas mobilizados nesse recorte temporal de atuação nos projetos de extensão que podem ser recortes de aprofundamento teórico dentro de uma tese de pesquisa.

Quadro 1: Exemplo de temas mobilizados nas atuações em projetos de extensão.

Temas mobilizados
A importância do território na disputa jurídica;
A importância do território na luta pela terra;
Relação cartografia-geografia-direito;
Risco ambiental x ocupação humana,
Planejamento conflitual/insurgente;
Cartografia social como instrumento de anúncio e denúncia, formação e mobilização socia;
Múltiplas funções da informação espacializada;
A importância da comunicação na atuação com comunidades e no diálogo interinstitucional e saberes populares;
Sistematização e visualização de informações espacializadas;
A necessidade de uma outra reforma agrária;
A contribuição da geografia na construção de RTIDs de territórios quilombolas;
A importância do território na questão quilombola;
Extensão popular e atuação na comunidade;
A dimensão ambiental da questão agrária;
Desenho territorial e desenho ontológico;
Planejamento territorial popular
Multidimensionalidade da questão agrária (atualização da questão agrária)

Fonte: o autor.

Dentre essas temáticas aqueles que atualmente estão sendo tratados na escrita da realidade somam quatro temas que se desdobram na relação com a realidade. Assim se destaca a diversidade temática que a atuação na extensão pode proporcionar. Por um lado, se tem uma ampliação nas possibilidades de leitura da realidade, mas por outro lado, e novamente, o tempo e esforço do esgotamento teórico em cada temática entra conflito com a continuidade das ações da extensão. Sendo que essas continuam ampliando o leque de possíveis temáticas para dialogar com a teoria e outras leituras de realidades semelhantes.

Assim se entende que uma tese extensionista teria como característica uma amplitude horizontal de temáticas e sendo assim seu objetivo é a construção e abertura de possibilidades de atuação e leituras da realidade. Por isso também não seria seu objetivo a entrega de uma tese de pesquisa final com o esgotamento da discussão teórica.

O objetivo de uma tese extensionista seria atuar na realidade, construindo possibilidades, atendendo as demandas das sociedades e estabelecendo relações de parcerias com um posicionamento sociopolítico que busca a transformação da realidade e a redução das desigualdades sociais, construindo pontes entre a universidade e as comunidades.

Assim como se diversifica e ampliam as possibilidades de leituras também acontece com as formas de entregas na medida que a atuação com as comunidades e a institucionalidade exige e se beneficia com a produção de materiais de informação, análise e comunicação, tanto para

as próprias comunidades (comunicação interna) quando para outros agentes da sociedade, instituições públicas e sociedade civil (comunicação externa). Outros formatos e linguagens são necessários para além de uma escrita acadêmica. Nesse sentido, a partir da realidade dessa escrita foram elencados alguns materiais produzidos na atuação da extensão que ilustram a diversidade de entregas que uma tese extensionista poderia mobilizar.

Quadro 2: Exemplo de materiais produzidos nas atuações em projetos de extensão.

Materiais produzidos
Linha histórico-espacial da disputa na comunidade Maria Rosa do Contestado;
Cartilha territorial do planejamento territorial da comunidade Maria Rosa do Contestado;
Mapa do desenho territorial da comunidade Maria Rosa do Contestado;
Mapas, sistematizações e metodologias das oficinas de planejamento;
Cartilhas de mapeamento de anúncios e denúncias da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida;
Metodologia de aplicação de Cartografia Social para mobilização e discussão territorial;
Boletins de comunicação da atuação no Assentamento Contestado;
Mapa de diagnóstico territorial no Assentamento Contestado;
Plano de Alienação e Aplicação (tecnologia jurídica);
Estudos técnicos (mapas, gráficos, imagens);
Infográficos de análise ambiental na comunidade José Lutzenberger;
Infográfico de análise ambiental da comunidade Faxinal do Emboque;
Cartilha de evento na Comunidade Nova Esperança;
Mapa para o evento Jornada de Agroecologia do MST;
Mapa para o evento Jornada da Natureza do MST;
Peças de comunicação do coletivo PLANTEAR
Material de comunicação do Prêmio Periferia Viva;
Proposta de Banco de dados Reforma Agrária (painel do acesso à terra, <i>storymaps</i> , <i>webgis</i>);
Proposta de desenho territorial como política pública e tecnologia social;

Fonte: o autor.

Assim, em contraposição a uma tese de pesquisa cujo marco é o esgotamento teórico de temáticas específicas, uma tese extensionista seria marcada pela diversidade e variação de possibilidades de produtos, formas, atuações, temáticas, tecnologias e metodologias. Podendo ser sua entrega final um relatório de todas essas possibilidades com diálogos iniciais com a teoria e outras bibliografias.

CONCLUSÃO

O que se pretendeu com este trabalho foi uma problematização inicial sobre os efeitos e possibilidades da relação da extensão com a pesquisa na pós-graduação. Contrapondo a perspectiva de uma tese de pesquisa, mesmo aquelas cujas metodologias se caracterizam por serem abertas e compromissadas com a realidade, com uma tese extensionista. Para isso, usou-se como referência a realidade vivida pelo próprio autor na construção da sua pesquisa de doutorado e atuação em projetos de extensão junto ao coletivo PLANTEAR e coletivo ENCONTTRA.

Diante das dificuldades que vem sendo encontradas no conflito entre a demanda da escrita da realidade pautada no esgotamento teórico de temáticas e as demandas da continuidade das ações de extensão, de caráter popular, cuja perspectiva específica motiva uma atuação nos contextos apresentados. Essa atuação tem apresentado a ampliação das temáticas na leitura da realidade que se relacionam em alguma medida, se complementando, porém, diminuem os recursos (tempo dedicado) disponíveis.

A perspectiva de uma tese extensionista, porém, não se trata de atuar na realidade sem o debate teórico crítico, pois o mesmo é necessário e construído durante a atuação da extensão, mas sem o nível de esgotamento teórico que uma tese de pesquisa tem. O debate teórico crítico também se faz necessário na medida que atuação da extensão não se configure em uma mera reprodução de ações sem a ação transformadora da realidade comprometida com a transformação social em favor dos grupos marginalizados.

Além disso, uma tese extensionista se difere de uma tese de pesquisa na medida que, já inserida na atuação de projetos de extensão, o seu recorte não seria inicialmente uma decisão do pesquisador ou pesquisadora, mas sim demandas da realidade e das comunidades com quem os projetos de extensão se relacionam. Também a atuação na realidade tenderia a um caráter coletivo e interdisciplinar, na medida que grupos de extensão podem agregar múltiplos integrantes e disciplinas.

Uma tese extensionista é colocada assim pois é uma referência ao contexto da realidade do autor, na construção da pesquisa de doutorado, mas também poderia se pensar em outros níveis de pós-graduação. Com isso se pretendeu apresentar um debate inicial a partir da realidade vivida pelo autor. Dessa maneira constata-se uma ampliação do debate com questões como o papel crítico da extensão e seu impacto na pós graduação, também como poderia se incorporar estruturalmente a extensão na pesquisa na pós-graduação, havendo necessidade de ampliar as leituras e debates sobre tema.

REFERÊNCIAS

Aichino, G. L.; Correa, A; Martínez, J. J. H; Palladino, L.; Pedrazzani, C. E; Ensabella, B. Geografías con Carlos Walter Porto-Gonçalves. *Cardinalis*, 2015, v. 4, p.241–263.

FALCADE-PEREIRA, Iara Beatriz.; MONTENEGRO GÓMEZ, Jorge Ramón; ANDREOLI, Marcelo Caetano; ALCANTARA, Renata. Conflitos na Reforma Agrária e mundos possíveis no planejamento de um assentamento agroecológico no município de Castro-PR. In: SANSOLO, D; ADDOR, F; EID, F. (Organizadores). *Tecnologia Social e Reforma Agrária Popular*. UNESP, 2020, Volume I.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31. Número 1. Janeiro/Abril 2016.

MALHEIRO, B. Ouvir o território e pensar por outras (geo)grafias: territorialidades em r-existência à mineração na Amazônia. *Ateliê Geográfico, Goiânia*, v. 15, n. 3, p. 188–205, 2021.

MELO, José Francisco de. *Extensão popular*. João Pessoa, Editora da UFPB, 2014, 122p.

PEARCE, Jenny, et al. “‘Avanzamos Porque Estamos Perdidos’: Reflexiones Críticas Sobre La Co-Producción de Conocimiento.” *Prácticas Otras de Conocimiento(s): Entre Crisis, Entre Guerras*. Tomo II, CLACSO, 2018, pp. 356–80.

ROOS, Djoni; PAULINO, Eliane Tomiasi; MONTENEGRO, Jorge. Introdução: Atualidade, atualização e espacialidade da Questão Agrária no Paraná. In: *Atlas da questão agrária no Paraná: diálogos em construção / organização: Observatório da Questão Agrária no Paraná*. — Naviraí, MS, Ipuvaíva, 2021, p.27-46.